

CARTILHA DA BOVINOCULTURA DE CORTE



ACRIMAT
Associação dos Criadores
de Mato Grosso

MANEJO PRÉ ABATE

Mateus J. R. Paranhos da Costa - Murilo Henrique Quintiliano
Stavros Platon Tseimazides - Ana Lúcia Garcia Spironeli

EXPEDIENTE

PRESIDENTE
José João Bernardes

1º VICE-PRESIDENTE
Jorge Basilio

2º VICE-PRESIDENTE
Guilherme Linares Nolasco
(licenciado)

1º DIRETOR TESOUREIRO
Júlio Cezar Ferraz Rocha

2º DIRETOR TESOUREIRO
Oswaldo Pereira Ribeiro Junior

1º DIRETOR SECRETÁRIO
Francisco de Sales Manzi
(licenciado)

2º DIRETOR SECRETÁRIO
Marcos Antônio Dias Jacinto

DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS
Luis Fernando Amado Conte

CONSELHO FISCAL
Gilberto Porcel; Celso Crespim
Bevilaqua; Juarez Toledo Pizza

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL
Laércio Fernandes Fassoni; Mário Roberto
Candia de Figueiredo; Aldo Rezende Telles

SUPERINTENDENTE
Francisco de Sales Manzi

GERENTE DE PROJETOS
Fábio da Silva

CONSULTOR TÉCNICO
Amado de Oliveira

ANALISTA DE MARKETING
Katia Pacheco

GER. DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Nilton Mesquita

ASSESSORA DE IMPRENSA
Maria Helena Manhães

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Prado

FOTO DE CAPA E SUMÁRIO
Acervo Acrimat

Nova edição resumida do Manual de Embarque e Transporte, publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)



www.acrimat.org.br



acrimat@acrimat.org.br



[@acrimat](https://twitter.com/acrimat)



facebook.com/acrimat.associacao



ACRIMAT
Associação dos Criadores
de Mato Grosso



NAMEMIDA
DO PASTO AO FRIGORÍFICO

2ª Edição
CARTILHA DA
BOVINOCULTURA DE CORTE

MANEJO PRÉ ABATE

Mateus J. R. Paranhos Da Costa - Murilo Henrique Quintiliano
Stavros Platon Tseimazides - Ana Lúcia Garcia Spironeli

O conteúdo descrito nesta Cartilha foi desenvolvido pelos autores Mateus J. R. Paranhos da Costa, pertencente ao Departamento de Zootecnia, FCAV-UNESP (Jaboticabal-SP), por Ana Lúcia Garcia Spironelli, Zootecnista, MSc do Grupo ETCO (Jaboticabal-SP), Murilo Henrique Quintiliano do Grupo ETCO e FAI do Brasil Ltda (Jaboticabal-SP) e por Stavros Platon Tseimazides do Grupo Marfrig (Promissão-SP) e está presente na publicação intitulada Boas Práticas de Manejo: Embarque” e “Boas Práticas de Manejo: Transporte” disponibilizada em versões digitais pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).



//SUMÁRIO



6	PREFÁCIO
7	EMBARQUE
29	TRANSPORTE
61	DESEMBARQUE



PREFÁCIO

O manejo pré-abate de bovinos já foi amplamente estudado e contempla resultados concretos na literatura científica que o mesmo influencia significativamente a qualidade da carne, do couro, bem como o aproveitamento da carcaça. Essas perdas estão relacionadas às contusões, porém, há outra modalidade de perda que é ocasionada pelo estresse vivenciado por bovinos durante o manejo, na propriedade ou em abatedouros mal planejados, que eleva o pH da carne e diminui a sua vida útil. Portanto, o conteúdo aqui apresentado, é extremamente importante, devendo-se olhar para sua propriedade e buscar colocar em prática as recomendações desta Cartilha.

Fábio Luiz Martins da Silva



1 EMBARQUE

imagem: Acervo Acrimat

Cuidados sanitários

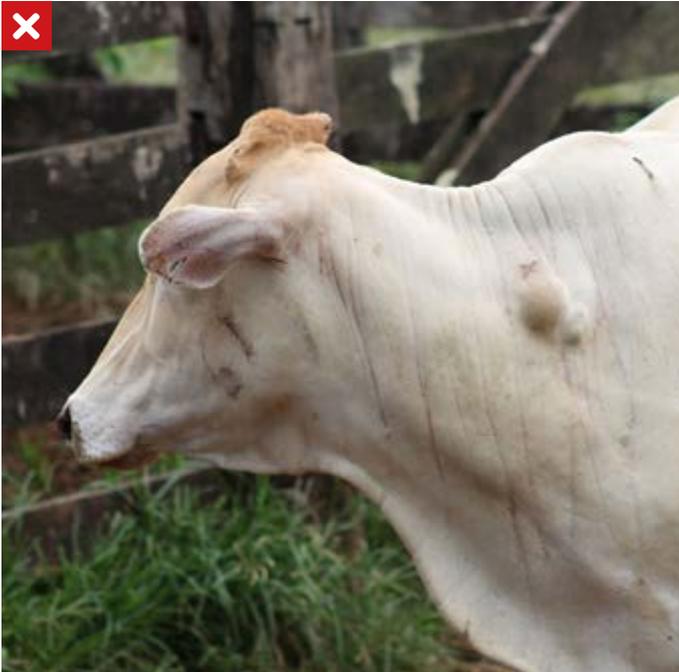


imagem: Acervo Acrimat

Para definir o grupo de animais que será embarcado deve-se tomar certos cuidados, dentre eles:

- Evitar o embarque de animais debilitados, desnutridos, doentes ou machucados. No caso do transporte de animais nessas condições ser inevitável, os cuidados devem ser redobrados, sendo conveniente consultar um médico veterinário.
- Quando os animais são destinados ao abate, nenhum produto deve ser aplicado no momento do embarque ou mesmo antes deste. Tenha sempre em conta o período de carência dos produtos utilizados (verifique sempre a bula de todos os medicamentos e vacinas utilizadas).
- Quando o destino dos animais for outra fazenda, deve-se evitar a aplicação de vacinas pelo menos até sete dias antes do embarque. Isto porque, mesmo com a adoção de boas práticas de manejo, o transporte gera estresse nos animais e isto prejudica a eficiência da vacinação, aumentando o risco de que os animais vacinados logo antes do transporte fiquem desprotegidos. Neste caso faça o controle de endoparasitos e ectoparasitas quatro dias antes do embarque.



imagem: Acervo Acrimat

da propriedade. Faça um bom planejamento envolvendo toda a equipe de trabalho, com isso os manejos serão realizados com eficiência e organização.

- Não prolongue a jornada de trabalho para realizar o embarque, quando os trabalhadores estão cansados há queda na qualidade dos serviços e maiores riscos de acidentes.
- Ao planejar o embarque de bovinos defina com o responsável pelo transporte (transportadora, motorista ou frigorífico) quantos veículos serão utilizados e a capacidade de carga de cada um deles. Com isto há menor risco de superlotação dos compartimentos de carga (“gaiolas”). Lembre-se que quando as gaiolas estão superlotadas os animais ficam mais estressados, há maior risco de acidentes e os motoristas enfrentam maior dificuldade para realizar seu trabalho.
- Assegure-se que as estradas internas da fazenda e o acesso dos caminhões ao embarcadouro estejam em boas condições de tráfego. Adote estratégias de manutenção e reparos. Em situações extremas, como, por exemplo, excesso de lama ou terreno acidentado, providencie um trator para rebocar os caminhões. As instalações também devem estar em boas condições para o trabalho, o curral deve estar limpo, sem portei­ras quebradas e tábuas soltas.



imagem: Acervo Acrimat



Animais em pastos distantes devem ser conduzidos para pastos mais próximos com pelo menos um dia de antecedência ao embarque. No momento do embarque os animais devem estar descansados e hidratados.

- Para o embarque de grande número de animais organize a chegada dos veículos na fazenda. Considere o tempo médio de embarque de cada caminhão ou carreta para definir os horários de chegadas dos mesmos, agende a chegada de grupos de veículos em intervalos regulares. Com a adoção deste procedimento há maior controle do fluxo de veículos dentro da propriedade e menor tempo de espera pelos motoristas.
- É fundamental receber bem os motoristas na fazenda. Organize acesso a banheiros, água potável e, se possível, disponibilize outros confortos como área de descanso, acesso a chuveiros, café, etc.



imagem: Acervo Acrimat

Condução dos animais

- Os bovinos devem ser conduzidos sempre ao passo, sem correrias e sem gritos. Trabalhe sempre com um vaqueiro à frente do lote que está sendo conduzido, atuando como ponteiro. Fazendo isto, você terá maior controle da velocidade dos animais e menor risco de mistura de lotes. Um ou dois vaqueiros seguem atrás (“culatra”) acompanhando o lote, evitando que os animais voltem e estimulando-os a andarem para frente quando empacam ou quando diminuem a velocidade de deslocamento.
- Se os animais empacarem, mantenha a calma. Não grite, não agrida e não deixe os animais agitados ou assustados, estas ações negativas atrapalham o manejo.
- Não pressione os animais, principalmente quando há transição entre instalações, como por exemplo, na entrada de corredores ou nas passagens de porteiros, dê tempo aos animais para entenderem o que está acontecendo.
- Em situações em que os animais são muito reativos e difíceis de serem conduzidos é recomendado o uso de sinuelos, eles ajudam a manter a tranquilidade dos outros animais e facilitam a condução dos

mesmos. Sinuelos são animais mansos (que não atacam) e dóceis (que obedecem a comandos), que estão acostumados a deslocamentos de um pasto para outro e para o curral, bem como a permanecerem no curral e se movimentarem dentro do mesmo.



imagem: Acervo Acrimat

Acomodação dos animais no curral

imagem: Acervo Acrimat



imagem: Acervo Acrimat

- A acomodação dos animais no curral deve ser realizada com muita calma, sem gritos e sem uso de ferrões, paus e bastão elétrico. Não coloque pressão excessiva nos animais para que entrem no curral, pois eles podem se machucar batendo nos palanques da porteira. Vá com calma! No caso de animais mais agitados posicione um vaqueiro para controlar (“afinar”) o gado na passagem da porteira e para animais menos reativos acompanhe a movimentação dos animais, sem colocar pressão excessiva para que entrem.
- O curral é uma instalação destinada para o trabalho com os bovinos, portanto, não deve ser usada para mantê-los presos por longo tempo. Currais superlotados aumentam os riscos de acidentes e causam maior dificuldade para o manejo. Para que o manejo ocorra com tranquilidade trabalhe com pelo menos metade das áreas das divisões (mangas) dos currais livres.
- O ideal é dispor de piquetes próximos ao curral (com disponibilidade de pasto, água e sombra) para acomodar os animais enquanto esperam para serem manejados, bem como após o manejo ter sido concluído. Com isto o tempo de permanência dos animais dentro do curral será apenas o necessário para a realização do trabalho.

Apartação e formação de lotes para o embarque

- As definições do local de apartação, da forma com que este manejo será realizado e do número de vaqueiros necessários para realizar o trabalho, dependerão do número de animais que serão embarcados. Em geral, dois ou três vaqueiros são suficientes para realizar a apartação em lotes de até 200 animais.
- Quando poucos animais de um lote forem embarcados, faça a apartação onde os animais estiverem (pastos, piquetes ou currais de confinamento) e quando for embarcar a maioria dos animais de um lote, realize o manejo de apartação no curral, de preferência usando estruturas desenhadas para este fim.



imagem: Acervo Acrimat

a Apartação no pasto, piquete ou curral de confinamento



A sua segurança e a de seus vaqueiros deve vir sempre em primeiro lugar, não corra riscos!

- Neste caso os vaqueiros devem ser capazes de identificar (por avaliação visual) quais animais serão embarcados, para que estes sejam apartados e conduzidos ao curral.
- É importante dispor de condições para realizar a apartação, como, por exemplo, dispor de remangas (áreas cercadas em um dos cantos do pasto, de preferência que deem acesso a um corredor). As remangas devem ter o piso seco e sem buracos.
- A apartação pode ser feita a cavalo ou a pé, isso irá depender do tipo de animal manejado e da preferência dos vaqueiros.



imagem: Acervo Acrimat

- Evite movimentos que causem agitação nos animais, não faça gestos bruscos, não grite e não corra quando estiver entre eles. Converse com os animais, use os aboios em tons de voz grave (não estridente) usados no dia a dia de manejo para que o gado possa identificá-lo. Procure trabalhar sempre com os animais que estão olhando para você, só assim eles entenderão seus comandos. Dê sinais simples e consistentes, os animais precisam saber exatamente o que você pretende fazer.
- No caso de mistura de lotes durante a apartação, não se afobe. Continue o trabalho e deixe para separar o animal entreverado após a conclusão da apartação.



imagem: Acervo Acrimat

b Apartação no curral de manejo

- Neste caso as apartações podem ser realizadas logo na entrada do curral, nas porteiras de transição dos piquetes, mangas e remangas ou em estruturas específicas para esse fim, os chamados apartadouros.
- Na apartação nas porteiras procure sempre conduzir os animais em grupos pequenos, de maneira que os que serão apartados possam ser identificados com mais facilidade. As bandeiras ajudam a realizar este manejo, pois possibilita o vaqueiro manter maior distância dos animais (segurança), além de maior área de atuação dos movimentos. Utilize a bandeira como extensão do braço e não como instrumento de agressão para bater ou cutucar os animais.
- Existem vários tipos de apartadouros, sendo comuns os apartadouros do tipo “ovo” e em linha, que têm até cinco possibilidades de apartações em um mesmo manejo, além dos apartadouros “de canto” que também são eficientes, mas proporcionam menor número de apartações (geralmente duas). Os apartadouros tipo ovo e em linha são geralmente instalados logo após o tronco de contenção ou a balança, enquanto que o apartadouro “de canto” é instalado no canto de uma das mangas do curral, com porteiras menores (geralmente com um metro) dando acesso a duas outras mangas.
- Antes de construir esses tipos de estruturas específicas identifique o número de apartações mais frequentes realizadas na propriedade. Se o número de apartações a ser realizado no momento for maior que o número de saídas do apartadouro, realize a apartação em duas ou mais etapas. Por exemplo: defina duas categorias em uma primeira apartação e depois outras, passando os animais pelo apartadouro até que todos os grupos sejam formados como o desejado. Realize as apartações sempre com calma e tranquilidade.
- Quando a apartação for realizada no curral, após terminá-la conduza os animais que não serão embarcados de volta ao pasto ou ao confinamento o mais rápido possível, não deixe que fiquem esperando presos no curral.
- Forme os lotes de embarque de acordo com a capacidade do caminhão ou da carreta. Faça tudo para manter animais do mesmo lote de origem, que já se conheçam. A mistura de animais de lotes diferentes aumenta a ocorrência de brigas, que causam estresse e ferimentos nos animais. Evite também misturar animais de diferentes categorias, como por exemplo, machos castrados com machos inteiros ou vacas com garrotes.

Outros manejos prévios ao embarque

a Pesagem



Imagem: Acervo Acrimat

- No caso de realizar a pesagem dos animais antes do embarque, aproveite o mesmo manejo para apartar e formar os lotes. Se a pesagem for feita com os animais em jejum é preciso ter cuidados especiais, principalmente quando a viagem for longa ou demorada. Neste caso o ideal é fazer o jejum e a pesagem dos animais alguns dias antes do embarque, para evitar que os animais passem muito tempo sem alimento e água



Não deixe os animais sem água antes do embarque!

- Antes de iniciar a pesagem, verifique se os equipamentos e instalações estão funcionando corretamente. A balança deve estar limpa e as portas de entrada e saída em bom funcionamento (abrindo e fechando facilmente). Ao final dos trabalhos (ou sempre que necessário) limpe bem a balança e as instalações de acesso à mesma. O excesso de fezes na balança aumenta a ocorrência de escorregões e quedas, dificultando o trabalho.

b Checagem da identificação dos animais

- É importante conferir a identidade dos animais que serão embarcados para que não ocorram erros na emissão dos documentos para o transporte.
- A identificação dos animais nunca deve ser realizada pouco antes do embarque, pois este manejo (mesmo quando bem feito) aumenta o risco de acidentes e estressa os animais, além de dificultar o embarque e o transporte.



imagem: Acervo Acrimat

O embarcadouro

- O embarcadouro é a instalação que permite conduzir os animais para dentro da “gaiola” do caminhão ou da carreta. Em geral é definido por um corredor com uma rampa no final, que permite aos animais alcançarem o piso da “gaiola”.
- O embarcadouro pode ser construído em linha reta ou em curva, utilizando diferentes tipos de materiais (madeira, concreto e chapas de metal).
- O posicionamento do embarcadouro deve respeitar sempre o sentido do fluxo usual de passagem dos animais. Não construa o embarcadouro no sentido oposto ao percorrido pelos animais durante as rotinas de manejo no curral.
- O embarcadouro deve ter todas as paredes laterais fechadas, para evitar que os animais se distraiam com o movimento de pessoas ou outros animais do lado de fora e também para diminuir a projeção de sombras no piso do embarcadouro, que podem fazer os animais empacarem. Há também o benefício de diminuir os riscos de acidentes, que ocorrem quando os animais prendem as patas ou a cabeça nos vãos entre as tábuas ou os canos.

imagem: Acervo Acrimat



- Os embarcadouros devem ser construídos com largura entre 0,80 e 0,90m dependendo das raças e das categorias de animais usualmente embarcados. Em casos especiais, como nas fazendas que têm animais muito grandes (por exemplo, no caso de gado elite e de raças grandes) podem ser necessários embarcadouros mais largos, com até 1,00m de largura. É recomendado que as paredes laterais do embarcadouro tenham pelo menos 1,80m de altura. Embarcadouros largos podem dificultar o embar-



imagem: Acervo Acrimat

que e machucar os animais, pois aumentam os riscos dos animais virarem e também de dois animais passarem ao mesmo tempo pelo embarcadouro, aumentando os riscos de pancadas na paleta, costela e ponta da anca, principalmente na porteira de entrada da “gaiola”.

- No caso de embarcadouros mais estreitos há risco de animais muito grandes não passarem, se machucarem ou ficarem entalados. Isto é particularmente preocupante com animais mais velhos e com chifres grandes e abertos.
- No caso do embarque de bezerros o trabalho deve ser realizado com mais cuidado, pois eles se viram com frequência dificultando o manejo. Em caso de embarques constantes de bezerros é indicado dispor de estruturas móveis para reduzir a largura do embarcadouro, mantendo-a em 0,50m.
- O piso do embarcadouro deve ser cimentado ou emborrachado, dispendo de estruturas antiderrapantes. Para pisos cimentados, as estruturas antiderrapantes devem estar espaçadas em 0,30m e devem ter as bordas arredondadas para não machucar os cascos dos animais. O piso do embarcadouro deve estar sempre limpo e seco, de forma a evitar escorregões e quedas durante o embarque.

Detalhes do embarcadouro



imagem: Acervo Acrimat

- Todo embarcadouro deve dispor de uma passarela lateral ao longo de toda sua extensão, que será utilizada pelos vaqueiros para terem acesso aos animais durante o embarque. A passarela deve ter pelo menos 0,80m de largura e ser construída de forma sólida e segura.
- A rampa do embarcadouro deve ter uma inclinação suave, preferencialmente menor que 20 graus. É indicado que o último lance do embarcadouro seja em nível, prolongando-se por pelo menos dois metros de comprimento. A altura do embarcadouro no local onde encosta o caminhão deve ser de 1,40m, que representa a altura média do assoalho das gaiolas da maioria dos veículos (caminhões e carretas) utilizados no transporte de bovinos. Isto não é suficiente para evitar a formação de degrau entre o embarcadouro e o assoalho das gaiolas de caminhões ou carretas, é preciso também acertar o terreno da área de estacionamento dos veículos, pois em situações com declives no terreno ou buracos há formação de degraus que dificultam o embarque.
- Ao planejar a construção do embarcadouro deve-se considerar a necessidade de espaço para que as manobras de caminhões ou carretas possam ser feitas com segurança e tranquilidade.

O papel dos motoristas no embarque



imagem: Acervo Acrimat

- Os motoristas são responsáveis pela manutenção das boas condições de conservação e de limpeza de seus veículos, além de transportar os animais até o seu destino final. A gaiola deve estar limpa, sem pregos ou pontas de parafusos, sem buracos no piso e sem tábuas quebradas. O piso deve ser emborrachado e dispor de estrutura antiderrapante.
- As divisórias devem estar íntegras e limpas e as portei- ras devem abrir e fechar sem dificuldades.
- O motorista é o responsável também pela manobra do veículo, que deve estar bem estacionado, sem vãos entre a gaiola e o embarcadouro.
- Após a confirmação, por um dos vaqueiros, de que o veículo está bem estacionado, o motorista deve abrir todas as portei- ras da gaiola, assegurando-se de que não há risco delas caírem sobre o dorso dos animais. A partir daí os motoristas devem seguir as orientações do responsável pelo embarque.

O papel dos vaqueiros no embarque



imagem: Acervo Acrimat

- É responsabilidade dos vaqueiros a realização de todas as ações para o embarque dos bovinos.
- Antes de iniciar o embarque, um dos vaqueiros deve verificar o caminho a ser percorridos pelos animais, recolhendo papéis, plásticos, pedaços de madeira e pedras que possam atrapalhar o deslocamento dos animais. Tábuas soltas, buracos, pontas de pregos e degraus também devem ser consertados para evitar acidentes. Caso haja acúmulo de fezes e lama deve-se limpar o local antes de começar o embarque.
- Com o veículo estacionado no embarcadouro, verifique se está bem encostado, se houver algum problema oriente o motorista a corrigi-lo. Verifique as condições do veículo, que deve estar limpo e sem problemas estruturais. Recomenda-se não realizar o embarque em veículos sujos, quebrados e em mau estado de conservação.
- Verifique se as porteiças da gaiola estão bem abertas, para que os animais possam entrar sem o risco de pancadas no dorso ou na anca.
- Após verificar que as condições das instalações e dos veículos estão adequadas, o embarque pode ser iniciado.

O embarque

imagem: Acervo Acrimat



- Os lotes de embarque devem ser subdivididos em grupos menores, proporcionais à capacidade de carga de cada um dos compartimentos da gaiola. Para animais pesando entre 400 e 450 kg de peso vivo, em caminhões do tipo “truck” com gaiolas de três compartimentos, forme três grupos de embarque: o compartimento da frente com quatro animais, o do meio com nove e o de trás com cinco.
- Cada grupo de animais deve ser conduzido ao embarcadouro com calma, sem o uso de ferrões ou choques e sem correr nem gritar. A condução pode ser realizada a cavalo ou a pé, dependendo da categoria animal que está sendo embarcado e da maneira como os vaqueiros estão acostumados a trabalhar no manejo do curral. É muito importante que os animais estejam calmos e tenham espaço suficiente para se movimentarem, visualizarem o caminho que devem seguir e também para obedecerem aos comandos dos vaqueiros. A condução fica mais fácil quando os bovinos andam em fila, portanto maneje os animais de forma que um deles “desponte” do grupo, desta maneira os demais tendem a segui-lo, facilitando o deslocamento para dentro do veículo.

- Os vaqueiros que estiverem trabalhando na passarela do embarcadouro devem estar posicionados de maneira que os animais não os vejam, sendo que em alguns momentos devem permanecer agachados. Com os animais já na rampa de acesso ao caminhão, devem se levantar e ajudar na condução dos bovinos. Caminhe no sentido contrário ao do animal, estimulando que se movimente para dentro do caminhão. Chegando à parte mais baixa da rampa, afaste-se da lateral e suba novamente. Repita esse movimento até que todo o grupo seja embarcado. Observe os animais e identifique o melhor posicionamento para não atrapalhar o manejo.



imagem: Acervo Acrimat

- Após a entrada do primeiro grupo de animais, feche a porteira do compartimento traseiro e trabalhe para acomodar os animais no compartimento da frente. Um dos vaqueiros deve estimular os animais a entrarem no compartimento da frente enquanto outro cuida da porteira, que deve ser fechada após a passagem do último animal. Após acomodar o primeiro grupo, abra a porteira de entrada e encaminhe o grupo seguinte para o embarque, realizando o mesmo procedimento até que todos os compartimentos sejam preenchidos.
- Muitas vezes há animais que empacam na entrada da “gaiola”. Tenha calma! Isso é uma característica do comportamento natural dos bovinos. Deixe que eles identifiquem a nova situação, cheirando e olhando. Utilize as bandeiras e aboios para conduzir os animais, nunca use paus, choque e ferrões, porque estes podem causar ferimentos, contusões e sofrimento aos animais.
- Animais mais reativos que se recusam a entrar no veículo não são raros, o importante é manter a calma sempre. Tente conduzi-los utilizando a bandeira e aboios. Se na primeira tentativa não der certo, retorne o animal à seringa, junte-o com outros animais que serão embarcados no caminhão, espere que se acalme e então tente conduzi-lo novamente com o grupo. Caso ele se recuse novamente, verifique a possibilidade dele ser embarcado posteriormente.

- Caso não haja possibilidade de manter o animal na propriedade e a dificuldade do embarque aumentar, o cuidado deve ser maior. Utilize um laço na base do chifre do animal ou faça um cabresto no caso de animais mochos. Verifique se a corda está firme e que não há possibilidade dela escapar. Com a ajuda de um ou dois cavaleiros puxe e empurre o animal para o interior do caminhão. O animal nunca deve ser arrastado. Caso o animal se deite, espere que ele se levante e repita o procedimento. Outra possibilidade para lidar com situações extremas é a utilização do bastão elétrico, que não pode ser aplicado nas mucosas e nem partes sensíveis do animal (cara, ânus, vagina e olhos, por exemplo). Encoste o bastão elétrico no animal e retire-o imediatamente. Nunca utilize o choque ligado na rede elétrica.
- Animais feridos, doentes ou fêmeas em estágio avançado de gestação devem ser embarcados apenas com a autorização de um médico veterinário ou responsável pelo embarque que devem assinar um termo de responsabilidade.
- Respeite a capacidade de carga de cada compartimento. O número ideal de animais varia de acordo com o seu peso e o tamanho dos compartimentos da gaiola. Escute o motorista boiadeiro, ele sabe a capacidade ideal de carga para o seu veículo. Caso haja dúvidas, consulte a tabela ao lado. É importante saber exatamente qual o tipo de animal que será embarcado.



O bastão elétrico deve ser usado apenas em situações de emergência, não sendo indicado como prática comum de manejo devido ao alto risco de acidentes em função das reações dos animais.



imagem: Acervo Acrimat



- Os animais devem ser conduzidos com calma, sem correr e sem sustos, de forma a evitar escorregões e quedas no embarcadouro. No caso de algum animal cair durante o embarque, pare o manejo e levante-o, não deixe que outros animais passem por cima dele.
- Pare o embarque e limpe o piso do embarcadouro sempre que houver acúmulo de fezes ou de barro, evite sempre que possível embarcar os animais quando há maior risco de quedas.
- O sucesso do manejo de embarque é extremamente dependente da forma com que os demais manejos no curral são realizados. Os bovinos aprendem com facilidade, portanto a rotina diária de manejo irá interferir no manejo de embarque.

imagem: Acervo Acrimat



2 TRANSPORTE

imagem: Acervo Acrimat



- O transporte de bovinos é uma atividade importante na cadeia produtiva da carne. Milhares de bovinos são transportados todos os dias em nosso país, sendo seu principal destino, os abatedouros. Dadas às características geográficas e de infraestrutura, o transporte rodoviário é o mais utilizado no Brasil.
- Mesmo sob boas condições e em viagens curtas, os bovinos mostram sinais de estresse, que se agrava em situações adversas. Animais estressados sofrem e, com isso, há maior probabilidade de ocorrerem problemas com a carne, sendo que em situações extremas pode inclusive resultar na morte dos animais.
- Durante o transporte a intensidade de estresse é variável, dependendo da forma com que os animais são manejados, das condições em que são transportados, da duração da viagem, das condições das estradas e do clima, dentre outros. Os principais problemas durante os manejos de embarque e transporte são: agressões diretas, formação de novos grupos, instalações inadequadas e transporte inadequado.

- Quando as condições de transporte não são boas, com estradas ruins, viagens longas, caminhões e compartimentos de carga em mau estado de conservação e direção sem cuidado, o estresse é mais intenso e os riscos de ferimentos e de mortes de animais durante a viagem aumentam.
- Todos os envolvidos com o transporte (as equipes das fazendas, os responsáveis pela compra do gado, as transportadoras, os motoristas boiadeiros e os responsáveis pela recepção dos bovinos nos abatedouros) devem conhecer o comportamento e as necessidades dos bovinos, para que possam realizar suas atividades com o cuidado necessário, reduzindo os riscos de estresse, de ferimentos e de morte de animais durante as viagens.

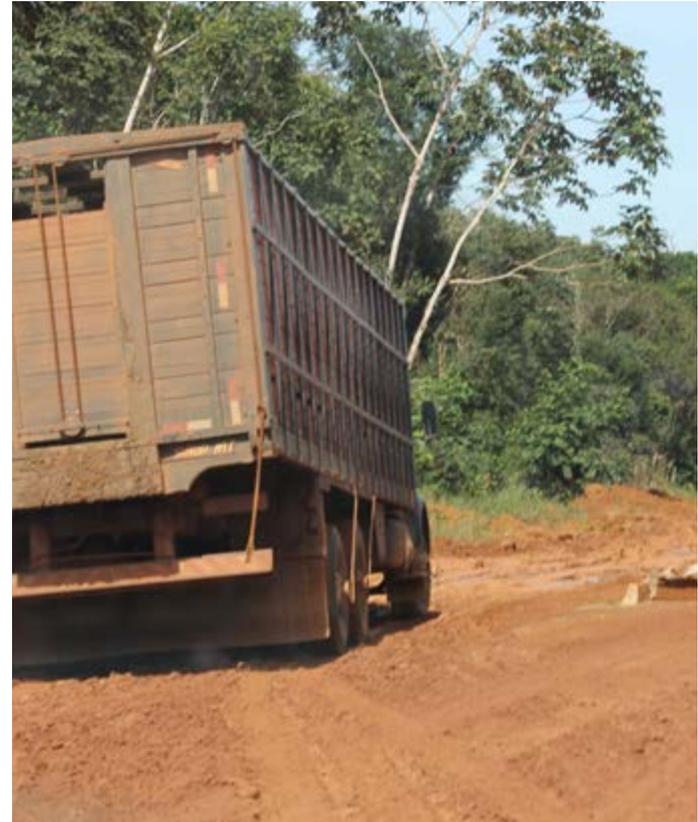


imagem: Acervo Acrimat

Planejamento para o transporte



imagem: Acervo Acrimat

- O planejamento e a organização do transporte é responsabilidade de todos (fazendas, transportadoras, motoristas e abatedouros). Devendo-se definir previamente quais animais que serão transportados (categorias e números), o tipo de veículo a ser utilizado, o número de veículos necessários, as rotas a serem utilizadas, as datas e os horários previstos para o embarque e o desembarque e quem serão os motoristas responsáveis pelo transporte.
- As fazendas devem preparar os lotes de embarque com antecedência e de forma, além de providenciar os documentos necessários para a viagem.
- As transportadoras e os motoristas devem manter os veículos em boas condições e ter conhecimentos sobre as condições das estradas; os motoristas devem ser treinados em boas práticas de manejo no transporte e estarem atentos a todas as informações sobre a viagem.
- Os abatedouros devem estar preparados para realizar o desembarque dos animais com agilidade e eficiência.

Documentos necessários

- Há uma série de documentos que são necessários para o transporte de bovinos, alguns deles são de responsabilidade da fazenda e devem ser conferidos pelo encarregado do embarque. Outros são de responsabilidade das transportadoras (ou setor de transporte do abatedouro) e dos motoristas boiadeiros.
- É obrigação do motorista boiadeiro verificar se os documentos do veículo e carteira de habilitação estão em ordem e dentro dos prazos de validade.
- No caso de haver algum problema com a documentação do veículo ou do motorista, avalie a possibilidade de substituí-los ou adie a viagem até a regularização dos documentos. Não é incomum casos de motoristas ou veículos que são detidos em postos policiais devido a irregularidades com documentos.
- Além dos documentos básicos, do motorista e do veículo, para o transporte de bovinos são também necessários os documentos dos animais, dentre eles: as guias de trânsito de animal (GTAs), as notas fiscais do produtor (com informações sobre a origem e o destino dos animais) e, em alguns casos, os documentos de identificação animal. Há ainda situações em que são exigidos outros documentos, como por exemplo, atestados de sanidade específicos. Todos eles devem ser providenciados com antecedência.
- Fique atento às particularidades de cada região e ao destino final dos animais que serão transportados; por exemplo, geralmente, os animais que são enviados para frigoríficos para exportação precisam ter documentos específicos para isso.
- Os motoristas, juntamente com os encarregados dos embarques nas fazendas, devem verificar se todos os documentos estão em ordem e de acordo com os animais que serão transportados.
- Erros de documentação resultam em retenção dos veículos. Nunca inicie o embarque dos animais antes de se certificar que todos os documentos estão em ordem. Faça isto para diminuir o risco dos animais ficarem embarcados por longo tempo com o veículo parado.

As responsabilidades das fazendas

- É responsabilidade das equipes das fazendas manter os caminhos de acesso aos currais em boas condições e oferecer apoio aos motoristas boiadeiros quando as condições não forem favoráveis; por exemplo, devem providenciar tratores para rebocar os caminhões em locais de risco de atolamento, de forma a minimizar os riscos de acidentes e de atrasos nas viagens.
- O planejamento do embarque permite também fazer o escalonamento da chegada dos veículos nas fazendas, de forma a evitar acúmulo de veículos no local de embarque e para reduzir o tempo de espera dos motoristas.



imagem: Acervo Acrimat

- O encarregado do embarque deve oferecer boas condições para os motoristas boiadeiros enquanto aguardam o embarque, sendo importante dar acesso a água fresca e de boa qualidade e a banheiros limpos e, nos casos de viagens longas, a alimentação e local de descanso.
- Lembre-se: os motoristas são os responsáveis pelos animais desde o embarque até a chegada ao destino; assim devem estar em boas condições físicas e mentais para que possam realizar seu trabalho com eficiência.
- Por sua vez, os motoristas devem respeitar as regras das fazendas e sempre se comportarem com educação e cortesia.



imagem: Acervo Acrimat

Plano de viagem

imagem: Acervo Acrimat



- O motorista deve ter conhecimento antecipado da rota da viagem. Caso não conheça o caminho, deve ter em mãos um mapa detalhado que mostre como chegar à fazenda e ao local onde o embarque será realizado. Sempre que possível viaje em grupos, além de ser mais seguro fica mais fácil resolver problemas, como por exemplo, nos casos de falhas mecânicas ou de acidentes.
- É importante também ter informações detalhadas sobre a distância a ser percorrida e as condições das estradas, bem como sobre possíveis problemas que poderão ser enfrentados. Tenha sempre um plano de ação para situações de emergência, como, por exemplo, em caso de animais mortos.
- O plano de viagem deve prever os horários de chegada à fazenda bem como o horário previsto para o desembarque. Deve também contemplar os locais e horários de paradas, para inspeções dos animais, abastecimento do veículo e para o atendimento das necessidades dos motoristas (refeições, descanso, etc.).
- Os locais de paradas devem oferecer condições que proporcionem conforto aos motoristas e aos animais como, por exemplo, dispor de local sombreado para estacionar o veículo. Recomenda-se usar essas paradas para revisão do horário de chegada, e no caso de mudanças (atrasos ou adiantamentos) é importante informar a fazenda ou o abatedouro sobre o novo horário.

Plano de ação para situações de emergência



imagem: Acervo Acrimat

- Procure informações com os colegas de trabalho ou com outras pessoas que já viajaram para a mesma localidade sobre possíveis situações de risco.
- Sempre que possível, defina pontos estratégicos para paradas de emergência. Para isso é importante dispor de informações sobre fazendas ou outros locais de parada que ofereçam condições para o desenvolvimento de ações efetivas para solucionar os problemas; por exemplo, que permitam realizar o desembarque ou o transbordo de animais.

O veículo

a Características dos veículos para o transporte de bovinos



- O transporte de bovinos é geralmente realizado em três tipos de veículos, que se diferenciam principalmente em relação aos compartimentos de carga, são eles: Veículo não articulado com três eixos, geralmente conhecido como caminhão “truck”; veículo articulado, conhecido como carreta, com um ou dois pisos de compartimento de carga; veículo duplo-articulado, conhecido como “bi-trem”, composto por dois compartimentos de cargas independentes, ambos com um ou dois pisos.
- Além desses tipos de veículos, outros também são usados esporadicamente ou com prevalência em certas regiões como, por exemplo, veículos não articulados com dois eixos (conhecidos como caminhões “toco”) ou veículos menores para o transporte de apenas 3 ou 4 animais.
- É mais difícil embarcar e desembarcar bovinos em veículos com compartimentos de carga com dois pisos. Isto porque o acesso ao segundo piso é geralmente feito por rampas muito inclinadas, que dificultam a subida e descida dos animais. Nesses casos os procedimentos de embarque devem ser realizados com muito mais atenção e cuidado, de forma a minimizar os problemas.

imagem: Acervo Acrimat

b Os compartimentos de carga dos veículos



imagem: Acervo Acrimat

- É cada vez mais frequente encontrar veículos com as laterais e a parte detrás dos compartimentos de carga completamente fechados. Há dois motivos para isto: os animais ficam menos agitados durante o transporte, pois o fechamento limita os efeitos de estímulos externos, como o movimento de outros veículos e de pessoas que se aproximam e que causam estresse; e há redução no lançamento de fezes e urina nas estradas.
- Por outro lado, o fechamento das laterais traz o problema de reduzir a ventilação nos compartimentos de carga, que se agrava quando o veículo está parado. Além disso, cria dificuldades para a inspeção dos animais durante a viagem.
- Para minimizar o problema de ventilação é recomendado evitar paradas longas e, sempre que possível estacionar os veículos em locais sombreados, protegendo os animais da radiação solar direta.
- Para facilitar a inspeção dos animais é recomendado deixar um vão de 8 cm à altura de 40cm do piso do compartimento de carga.
- Nos casos em que se optar por cobrir o compartimento de carga, essa cobertura deve ser feita com telas de sombreamento (na medida de 50% ou 70%). Nunca use lonas para cobrir os compartimentos de carga, pois elas impedem o fluxo de ar, aumentando a temperatura e o nível de amônia, com efeitos negativos sobre os animais.

c Definindo o número de animais a ser embarcado

- Deve-se embarcar o número correto de animais por compartimento de carga, evitando-se principalmente a superlotação.
- Para definir a capacidade de carga de um veículo (caminhão ou carreta) deve-se medir o comprimento de cada um dos compartimentos de carga, e com essa medida e o peso médio dos animais que serão embarcados, definir o número de animais a serem embarcados por compartimento com base na tabela a seguir.

PESO VIVO	ESPAÇO LINEAR (m/ANIMAL)
250	0,33
300	0,37
350	0,41
400	0,44
450	0,47
500	0,51
550	0,54
600	0,57
650	0,6
700	0,63
750	0,65
800	0,68
850	0,71
900	0,73
950	0,76
1000	0,78

Adaptada de Tseimazides (2006), dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, FCAV-UNESP, Jaboticabal-SP.



imagem: Acervo Acrimat

- Por exemplo, assumindo que o peso médio dos animais a serem embarcados é de 500 kg de peso vivo, basta dividir o comprimento de cada compartimento de carga pelo valor da tabela correspondente ao peso dos animais no caso: 0,51.
- Para um caminhão com compartimentos de carga com as seguintes medidas: o primeiro (o mais próximo da cabine) com 2,35m de comprimento, o segundo (do meio) com 5,51m e o terceiro com 2,45m, os números ideais de animais (NA) com 500 kg de peso vivo a serem embarcados seriam:

- No primeiro compartimento de carga: $NA = 2,35/0,51 = 4,6 \Rightarrow 4$ animais
- No segundo compartimento de carga: $NA = 5,51/0,51 = 10,8 \Rightarrow 10$ animais
- No terceiro compartimento de carga: $NA = 2,45/0,51 = 4,8 \Rightarrow 4$ animais

- Assim, a capacidade de carga do caminhão apresentado na foto acima seria de 18 animais com 500 kg de peso vivo, acomodando 4 animais no primeiro compartimento de carga, 10 no segundo e 4 no terceiro.



imagem: Acervo Acrimat

d O piso dos compartimentos de carga

- Os pisos dos compartimentos de carga devem ser cobertos com um tapete de borracha e sobre o tapete deve ser instalada uma grade de ferro quadriculada (com quadrados de 30 a 35 cm de lado). Essas estruturas têm como função proporcionar conforto e segurança para os animais, diminuindo os efeitos negativos da trepidação e os riscos de escorregões e de quedas.
- Tanto os tapetes quanto as grades devem ser bem fixados ao piso dos compartimentos de carga, sendo que as grades devem ser sempre posicionadas

sobre o revestimento de borracha.

- Ao fazer as grades é recomendado usar solda de “topo” que tem menor risco das barras de ferros entortarem ou quebrarem, o que ocorre com mais frequência quando as barras são soldadas umas sobre as outras.
- Tomando esses cuidados (fixação da grade e solda de “topo”), há menor risco de deformações na grade, que podem causar acidentes com os animais e diminuir a durabilidade da grade.



imagem: Acervo Acrimat



imagem: Acervo Acrimat

e A manutenção dos veículos

imagem: Acervo Acrimat



imagem: Acervo Acrimat



- Mantenha o veículo e seus compartimentos de carga sempre em boas condições para uso. Faça manutenção frequente: cheque pneus, freios, suspensão, motor e todas as partes mecânicas do veículo.
- Com o veículo em ordem há mais segurança e menor risco de acidentes e quebras mecânicas.
- Inspecione regularmente os compartimentos de carga, verifique se há pontas de parafusos expostas, buracos no piso, grades torcidas ou quebradas e borracha rasgada. Se encontrar qualquer um desses problemas, faça os reparos necessários imediatamente.
- Verifique também se as porteiças estão abrindo e fechando facilmente, se as cordas estão em boas condições e se as roldanas estão lubrificadas.
- A armação dos compartimentos de carga (gaiola) deve estar sem partes quebradas e bem firme (apertada).
- Lembre-se de reapertar todos os parafusos e travas após cada viagem, principalmente quando foram transportados animais muito pesados, que fazem forte pressão sobre as laterais do compartimento de carga, afrouxando parafusos e travas.

imagem: Acervo Acrimat



- Um ponto importante da manutenção do veículo é sua limpeza. Atenção especial deve ser dada ao compartimento de carga, que deve ser lavado e desinfetado logo após o desembarque dos animais. Recomenda-se aos abatedouros não liberarem os veículos de transporte de bovinos antes de serem lavados e desinfetados.
- Algumas fazendas não realizam o embarque de seus animais em veículos em mau estado de conservação ou sujos. Esta é uma decisão correta. Lembre-se: a responsabilidade pelas condições do veículo é do motorista boiadeiro, devendo manter o veículo sempre limpo e bem cuidado.



imagem: Acervo Acrimat

imagem: Acervo Acrimat

A Viagem

a Situações que dificultam os animais a manterem o equilíbrio durante a viagem



Imagem: Acervo Acrimat

- O ideal é que os animais permaneçam em pé durante toda a viagem. Entretanto, em algumas situações é inevitável que eles se deitem. Isso ocorre com maior frequência quando os animais estão cansados, feridos ou doentes, e se deitam por vontade própria, ou quando caem.
- Em condições normais os bovinos tendem a permanecer em pé enquanto o veículo estiver em movimento. Em viagens de curta duração (até 4 horas) os animais raramente se deitam por vontade própria (a menos que estiverem cansados, feridos ou doentes), enquanto em viagens longas, acima de 8 horas, eles começam a se deitar, devido ao cansaço.
- As quedas ocorrem com mais frequência quando há falhas na direção do veículo, como por exemplo, quando se faz curvas em alta velocidade, ou nos casos de freadas e movimentos bruscos.
- Quedas também são frequentes em rodovias em más condições de conservação, com buracos, trepidações e declives acentuados e, também, quando os animais estão feridos ou debilitados.

imagem: Acervo Acrimat



imagem: Acervo Acrimat



- As características e condições dos compartimentos de carga (número de divisórias, tipo de piso, ventilação, concentração de amônia, etc.), a densidade de carga e a presença de animais deitados (ou caídos), também são determinantes na frequência de quedas durante a viagem.
- Como já descrito neste manual, é importante que os pisos dos compartimentos de carga sejam cobertos com borracha e disponham de grades para reduzir os escorregões e as quedas.

- Em estradas em más condições de conservação, ou com muitos cruzamentos, curvas e obstáculos, deve-se dirigir com mais atenção e cuidado.
- A presença de animais deitados (ou caídos) no compartimento de carga aumenta o risco de quedas, pois podem levar a perda de equilíbrio do animal que pisa sobre aquele que está deitado.



imagem: Acervo Acrimat

- Esse tipo de situação também causa sofrimento no animal que está sendo pisoteado, além de aumentar a frequência e intensidade de hematomas nas carcaças.
- Há maior risco de quedas quando a densidade de carga é menor que o ideal, isto porque há menor apoio para os animais durante a viagem, tornando mais difícil manter o equilíbrio. Por outro lado, quando a densidade de carga é acima da ideal, se algum animal cair é pouco provável que ele consiga se levantar, pois não haverá espaço disponível.



Mantenha sempre a capacidade de carga ideal em cada compartimento do veículo!

b O início da viagem

- Não inicie a viagem logo após o embarque dos animais. Após sair do embarcadouro, estacione em um local plano e faça a primeira vistoria, checando se não há animais deitados, agitados ou com qualquer outro tipo de problema. Se estiver tudo em ordem, inicie a viagem. Vá devagar nos primeiros 15 a 20 minutos para que os animais se acostumem aos movimentos do veículo. Não faça movimentos bruscos.
- Após esse período de adaptação, pare o veículo, verifique se todos os animais estão em pé e, se assim for, continue a viagem.
- Dirija sempre com muito cuidado, respeitando os limites de velocidade e a sinalização das estradas.



imagem: Acervo Acrimat

c A direção

- Tenha sempre em conta que o transporte de carga viva exige mais atenção e cuidado.
- Todos os motoristas boiadeiros devem receber um treinamento específico para o transporte de bovinos. Esse treinamento deve tratar do comportamento dos bovinos e de suas necessidades e capacidades de sentir dor, fome, sede, medo, calor e frio. Além de apresentar estratégias para reduzir os riscos de problemas de bem-estar animal e de perdas qualitativas e quantitativas de carne.
- Cuidados especiais devem ser tomados quando o transporte é feito por estradas mal conservadas ou em regiões montanhosas. Essas condições aumentam as dificuldades e as responsabilidades dos motoristas.
- Para definir as rotas de viagens leve sempre em conta os custos de manutenção dos veículos, os riscos de acidentes e de estresse para os animais e para o motorista, além do custo do quilômetro rodado.
- Sempre que possível faça opção por estradas em melhores condições de tráfego, mesmo quando isso representar um pequeno aumento na distância.

d Inspeções durante a viagem

- A primeira inspeção deve ser feita logo no início da viagem.
- Aproveite todas as oportunidades para realizar a inspeção dos animais e, em viagens longas programe inspeções periódicas, principalmente para verificar se há animais caídos ou deitados. Sempre que ocorrer uma situação de risco, como uma freada brusca, por exemplo, pare o veículo e faça a inspeção.
- Para viagens à noite é necessário ter um sistema de iluminação no compartimento de carga ou, pelo menos, uma lanterna à mão que permita realizar as inspeções adequadamente.



imagem: Acervo Acrimat

Situações de emergência

a Animais deitados



imagem: Acervo Acrimat

- Animais que deitam ou caem durante a viagem devem ser levantados o mais rápido possível. Há apenas duas exceções para isso: nos casos de viagens muito longas, quando os animais tendem a se deitar devido ao cansaço e no caso de animais feridos ou doentes. Nesses casos nem sempre é possível levantá-los, pois estão incapacitados.
- Antes de estimular o animal a se levantar, verifique se há espaço suficiente para que ele o faça e, também se o animal está bem posicionado para se levantar sem dificuldades.
- Não insista e não faça uso indiscriminado do choque na tentativa de levantá-los. Geralmente, mesmo que os animais se levantem, eles se deitam novamente em seguida e este tipo de ação só aumenta o estresse e deixa os animais mais agitados.
- Lembre-se: o bovino necessita de espaço maior que aquele ocupado pelo próprio corpo para que realize os movimentos apropriados para se levantar.



imagem: Acervo Acrimat

- As primeiras ações para estimular um animal a se levantar são: o uso da voz (fale de forma firme, mas sem gritar), a realização de movimentos próximos ao animal e o bater de palmas ou na lateral do compartimento de carga. Caso isso não seja suficiente para levá-lo, verifique novamente se há espaço suficiente para que ele levante, se estiver tudo em ordem, tente mais uma vez.
- Em alguns casos é necessário movimentar os outros animais do compartimento de carga, para dar espaço ao animal deitado. Faça essa movimentação com calma e tranquilidade, não assuste os animais, pois eles podem pisotear o que está deitado.
- Após duas ou três tentativas de levantar o animal sem sucesso, faça uso do bastão elétrico. O choque é um recurso importante, mas deve ser utilizado apenas em situações extremas, quando todas as alternativas não-agressivas de movimentar ou levantar o animal deitado falharam.
- Existem regras básicas para o uso do choque, são elas: nunca aplique o choque em partes sensíveis do corpo do animal (cara, ânus, vagina, úbere ou

escroto); não segure o bastão elétrico sobre o corpo do animal por mais de um segundo; esse recurso deve ser usado de forma instantânea, encoste e retire; se após a aplicação do choque o animal não levantar, reavalie a situação, certifique-se que o animal não está ferido ou exausto e que há espaço suficiente para ele se levantar; se estiver tudo em ordem, aplique o choque novamente por mais uma ou duas vezes, no máximo.

- Se após essas tentativas o animal não se levantar, analise a situação com mais cuidado. Lembre-se: em situações críticas como essa, em que o animal não consegue se levantar, a tomada de decisão deve ser rápida e consciente.
- No caso do animal estar muito cansado ou com alguma fratura, sem condições para se levantar o ideal seria realizar o abate de emergência, o mais rápido possível. O abate de emergência é um procedimento complicado e, na grande maioria das vezes, impossível de ser realizado durante a viagem, devido à falta de infra-estrutura para isto.

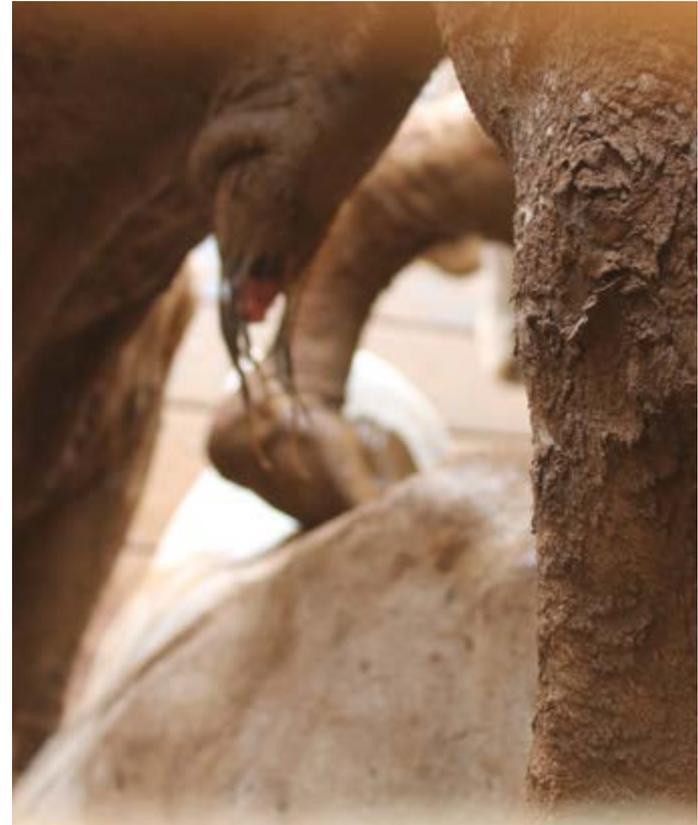


imagem: Acervo Acrimat



imagem: Acervo Acrimat

- Nessas condições é recomendado seguir viagem até o abatedouro, onde o animal deverá ser abatido imediatamente após a chegada. O abate de emergência no abatedouro deve ser feito por pessoa treinada e com equipamentos apropriados, sob supervisão do Serviço de Inspeção Federal (SIF).
- Tenha em conta que seguir viagem com animais que não conseguem se levantar implica em sérios riscos para o bem-estar dos mesmos, que em situações extremas, podem morrer.
- É importante que todas as medidas de prevenção sejam tomadas para evitar que as situações que exijam abates de emergência ocorram. Isto porque, nesse ponto o animal está sob extremo sofrimento e há perdas econômicas irreversíveis.
- Para minimizar os riscos, o ideal seria reduzir a densidade do compartimento de carga em que o animal está deitado.
- Assim, se for possível, passe um dos animais para o compartimento ao lado.

b Animais agressivos

- Atos agressivos entre animais dentro do compartimento de carga exigem atenção especial.
- Em muitos casos a agressividade é consequência do manejo de embarque inadequado, que deixa os animais agitados ou em decorrência de mistura de animais que não estavam no mesmo grupo. No primeiro caso geralmente os animais se acalmam, reduzindo as agressões entre eles após alguns minutos.
- Entretanto, há situações em que as agressões não param, mesmo após 10 a 15 minutos do embarque. Nesses casos deve-se mudar o animal agressor de compartimento de carga; se ainda assim ele continuar agredindo os outros, ele deve ser amarrado.
- O procedimento de amarrar deve ser feito com o muito cuidado, para evitar acidentes. Para animais com chifres use um laço, passando-o na base dos chifres e amarrando o animal na lateral do compartimento de carga. No caso de animais mochos ou amochados, faça um cabresto e amarre-o também na lateral do compartimento de carga.
- Nunca passe a corda em volta do pescoço do animal, pois há risco de enforcá-lo. Em ambos os casos é importante que a amarra fique justa para impedir que o animal tenha espaço para continuar agredindo os outros. Lembre-se: transportar animais amarrados exige cuidado dobrado, sendo necessário aumentar a frequência de inspeções.

c Animais debilitados

- O abate de animais destinados a comercialização e ao consumo humano é considerado clandestino quando for realizado fora de estabelecimentos credenciados para este fim.
- Assim, mesmo os animais debilitados, doentes ou feridos devem ser transportados até um abatedouro credenciado e inspecionado para que possam ser abatidos.
- Considere sempre a possibilidade de adiar o abate de animais feridos ou doentes, espere que eles se recuperem para então enviá-los para o abatedouro. Fazendo isso há menor risco de problemas durante o transporte.
- Quando a recuperação do animal não for possível, é necessário ter cuidados especiais com o seu trans-



imagem: Acervo Acrimat

porte. Use uma densidade mais baixa no compartimento de carga em que o animal debilitado estiver embarcado. Aumente a frequência de inspeções durante a viagem e tenha maior controle sobre os outros animais que viajam no mesmo compartimento de carga, por exemplo, colocando animais mais leves, mais calmos ou mesmo, amarrando-os.

- Animais extremamente debilitados não devem ser transportados. Se ainda assim o encarregado do embarque exigir que animais nessas condições sejam embarcados, ele deve assumir as responsabilidades por essa decisão; ficando ciente de que o animal poderá morrer durante a viagem, além dos riscos de ser pisoteado e de causar quedas nos outros animais que compartilham o mesmo compartimento de carga.
- Animais debilitados devem ser embarcados sempre no final, ocupando o último compartimento de carga. Fazendo assim, fica mais fácil a realização dos procedimentos de embarque e desembarque.

d Animais gravemente feridos, moribundos ou mortos



imagem: Acervo Acrimat

- Animais gravemente feridos, mas com possibilidades de recuperação, deveriam ser retirados dos veículos e submetidos a cuidados veterinários até sua plena recuperação.
- Infelizmente essa não é a realidade na rotina de transporte de bovinos. Devido à falta de infraestrutura e aos altos custos dessas ações (muitas vezes mais altos que o valor pelo qual o animal foi vendido), normalmente os motoristas seguem viagem sem tomar qualquer providência para resolver o problema.
- De fato, na prática, ações de emergência durante a viagem não são simples de serem feitas. Assim, apresentamos algumas recomendações para minimizar os problemas, mas com certeza, com poucas chances de resolvê-los.
- Nos casos em que o local de desembarque estiver próximo, informe o pessoal encarregado pela recepção dos animais sobre a situação de emergência e o provável horário de chegada e siga viagem com cuidado, sem ultrapassar os limites de velocidade ou sem se arriscar em ultrapassagens perigosas. Pare apenas se for extremamente necessário.

imagem: Acervo Acrimat



- No local do desembarque as pessoas devem estar preparadas, com os equipamentos adequados, para realizar os procedimentos de abate de emergência, imediatamente após a chegada do veículo.
- Em situações em que o local de desembarque estiver distante (3 horas ou mais), informe os responsáveis (fazenda ou abatedouro) e, com a ajuda deles, procure um local adequado para o desembarque dos animais com problemas ou mortos. Quando isto não for possível, siga viagem até o destino, onde os procedimentos de emergência devem ser executados.
- De forma alguma esses animais devem ser abatidos para fins de consumo humano, isto caracteriza um abate clandestino, que é atividade ilegal e coloca em risco a saúde humana.



Em qualquer uma das situações, o desembarque de emergência de animais durante a viagem deve ser feito apenas em locais adequados e de comum acordo com os responsáveis pelos mesmos (fazendas ou abatedouros).

Paradas durante a viagem

a Paradas de rotina

- Em viagens de longa duração é comum ocorrerem paradas, tanto para o atendimento das necessidades dos motoristas (para refeições, descanso, etc.), quanto para abastecimento e manutenção do veículo, ou ainda para inspecionar os animais.
- Estas paradas devem fazer parte do plano de viagem, devendo ser definidas previamente, determinando os pontos de paradas e a suas durações.
- Deve-se evitar paradas longas nas horas mais quentes do dia, pois quando o veículo está parado não há boa ventilação no compartimento de carga. Com isto há aumento do calor e da concentração de amônia, com efeitos negativos sobre os animais, levando-os a perder os sentidos ou, nos casos mais graves, à morte.
- Ao definir as paradas, tenha em conta que o tempo total da viagem, desde o embarque até o desembarque, não deve ultrapassar 12 horas. Em viagens com duração maior que 12 horas os animais devem ser desembarcados, oferecendo um local adequado para que descansem, além de alimento e água à vontade.
- Os procedimentos de desembarque e de embarque de bovinos no meio da viagem são muito estressantes, e nem sempre têm o resultado esperado. Certos animais não se alimentam e permanecem estressados devido ao fato de estarem alojados em um local desconhecido. Quando necessárias as paradas com desembarque, os procedimentos de manejo devem ser feitos com muito cuidado, sem agredir e sem gritar com os animais.
- Após o desembarque os animais devem receber água e alimento à vontade, que devem estar disponíveis por 12 horas. O período de descanso deve ser de pelo menos 18 horas, com os animais permanecendo sem alimento por 6 horas antes do reembarque.
- As paradas com o desembarque dos animais não devem ser estimuladas, devendo ser realizadas apenas em situações de emergência. A recomendação é a de se evitar o transporte de longa distância.

b O que fazer em casos de falhas mecânicas nos veículos

- Em casos de problemas com os veículo, faça uma previsão do tempo necessário para o reparo. Se o reparo for demorado, há duas possibilidades: solicite outro veículo e faça o transbordo dos animais para seguir viagem; e desembarque os animais em local adequado.
- Não corra riscos, tome as providências necessárias para o transbordo dos animais ou faça o desembarque o mais rápido possível.

c O que fazer em casos de acidentes

- A ocorrência de acidentes é minimizada quando todos os cuidados são tomados para a boa manutenção do veículo e a direção do veículo é feita de forma segura e responsável.
- Entretanto, quando ocorrer algum acidente adote os seguintes procedimentos: chamar 191 ou o número de emergência das rodovias privatizadas; certifique-se de que está tudo bem com o motorista, e se for necessário, chame por socorro médico; se houver animais soltos na estrada providencie sinalização para evitar atropelamentos; busque auxílio para conduzir os animais para um local seguro; e quando necessário (como, por exemplo, no caso de veículos tombados) busque meios para retirar os animais dos compartimentos de carga.
- Os animais que sobreviverem ao acidente devem ser alojados em algum local próximo, os que estiverem feridos devem receber cuidados veterinários e aqueles que estiverem em boas condições de saúde devem ser reembarcados posteriormente para continuarem a viagem até o destino final.

d O que fazer em casos de bloqueio da estrada

- Em caso de bloqueio da estrada procure um local adequado para estacionar o veículo e em dias quentes tente estacionar em um local sombreado. Caso o bloqueio seja de curta duração, avalie a possibilidade de rotas alternativas ou espere até a estrada ser liberada.
- Nos casos em que não houver previsão da abertura da estrada e nem rotas alternativas disponíveis (de forma que impeça a chegada dos animais no destino num tempo menor ou igual a 12 horas), procure uma fazenda ou outro local adequado (parques de exposição e locais de leilão de gado) e desembarque os animais.
- Se nada disso for possível, estacione o veículo em local seguro e que proporcione as melhores condições possíveis (com sombra, por exemplo), ofereça água para os animais regularmente, mesmo que tenha que levá-la, com uso de uma mangueira, de um a um.

e O que fazer se o veículo for retido pela fiscalização

- Este é um tipo de problema que pode ser evitado com planejamento e organização. Os cuidados com a documentação (do motorista, do veículo e dos animais), com a manutenção do veículo e a direção responsável reduzem muito o risco do veículo ser retido por autoridades fiscais, sanitárias ou de trânsito.
- Nos casos de problemas com o veículo, e quando a liberação for improvável ou demorada, solicite outro veículo para fazer o transbordo dos animais e siga viagem.
- Nos casos de problemas com os documentos dos animais procure solucioná-los rapidamente, e se não for possível analise a possibilidade de desembarcá-los em alguma fazenda próxima, ou em outro local que ofereça condições para isso.
- Da mesma forma que o item anterior, caso nada disso seja possível, estacione o veículo em um local seguro e ofereça água para os animais.



3 DESEMBARQUE



- O desembarque deve ser feito imediatamente após a chegada ao abatedouro, logo após a conferência dos documentos. O tempo de espera não deve exceder 10 minutos. Desembarque os animais com agilidade, mas sem pressa. O ideal é que os animais desçam do compartimento de carga ao passo.

Responsabilidades da equipe de recepção dos animais no abatedouro



imagem: Acervo Acrimat

- A equipe responsável pela recepção dos animais no abatedouro deve: preparar as instalações para a recepção dos animais que serão desembarcados, conferir os documentos e os animais e auxiliar no desembarque.
- Deve também estar preparada para orientar os motoristas em como estacionar os veículos no desembarcadouro e ser capaz de realizar abates de emergência, sob supervisão do SIF.
- Verifique sempre: se o espaço disponível no curral de espera é suficiente para o lote de animais a ser desembarcado, se os currais estão limpos e em condições de uso, se há água nos bebedouros e se estes estão limpos, e se os caminhos estão desobstruídos e limpos.

Responsabilidades dos motoristas no desembarque



imagem: Acervo Acrimat

- Estacione o veículo no desembarcadouro corretamente, sem deixar espaço entre o compartimento de carga e a rampa de desembarque. Em seguida informe o encarregado pela recepção dos animais de todas as situações que colocaram os animais em risco durante o embarque e a viagem, relatando casos de animais com dificuldades para ficar em pé, atrasos, problemas com as estradas ou com acidentes e qualquer outro problema que julgar importante.
- Antes de abrir as porteiiras do compartimento de carga, verifique se há algum animal deitado ou caído, em caso positivo estimule o animal a se levantar.
- Com todos os animais em pé, abra a porteira mais próxima da rampa de desembarque e deixe-os saírem naturalmente, de preferência ao passo.
- Quando isto não ocorrer estimule-os a sair, fale com os animais, bata palmas e faça movimentos na lateral do compartimento de carga. A bandeira pode ser utilizada para estimular os animais a saírem do veículo. Não grite e não use o choque, tenha calma.
- Quando os três últimos animais do compartimento de carga traseiro estiverem saindo, abra a porteira entre os compartimentos de carga; a visão dos animais saindo estimulará os outros a segui-los. Repita esse procedimento até que o desembarque esteja concluído.

imagem: Acervo Acrimat



- Nos casos de carretas com dois pisos deve-se desembarcar primeiro os animais que estiverem nos compartimentos traseiros; começando por aqueles que estão no piso inferior e logo após do piso superior. Só então deve-se soltar os animais do compartimentos de carga dianteiros, a partir do segundo compartimento de carga inferior, seguido do terceiro para, finalmente liberar os animais do segundo piso dos compartimento de carga dianteiros.

Situações de emergência no desembarque

- Quando houver animais deitados no último compartimento de carga, próximo a porteira de saída, tente levantá-los, use comandos de voz ou a bandeira. Se, após algumas tentativas o animal não se levantar, use o choque, aplicando-o apenas no animal que estiver deitado, sempre respeitando as regras de utilização do mesmo.
- Se ficar constatado que o animal não conseguirá se levantar, pois está ferido ou muito debilitado, desembarque os animais que estiverem no mesmo compartimento de carga, faça isso com muita calma para minimizar o risco do animal ser pisoteado.
- Assim que os animais saírem do compartimento de carga, realize o abate de emergência, sob a supervisão do SIF. Atordoe o animal dentro do veículo,

imagem: Acervo Acrimat



para posteriormente arrastá-lo para fora (após ter certeza que o animal está inconsciente). Nunca arraste um animal consciente.

- A equipe de recepção dos bovinos no abatedouro deve estar preparada para realização do abate de emergência. Não corra riscos, sempre que necessário amarre o animal para proceder o atordoamento, e no caso de reações após o primeiro disparo, repita o procedimento, atordoando-o mais uma vez.
- Desembarque os animais dos demais compartimentos de carga apenas após a retirada do animal atordoado.

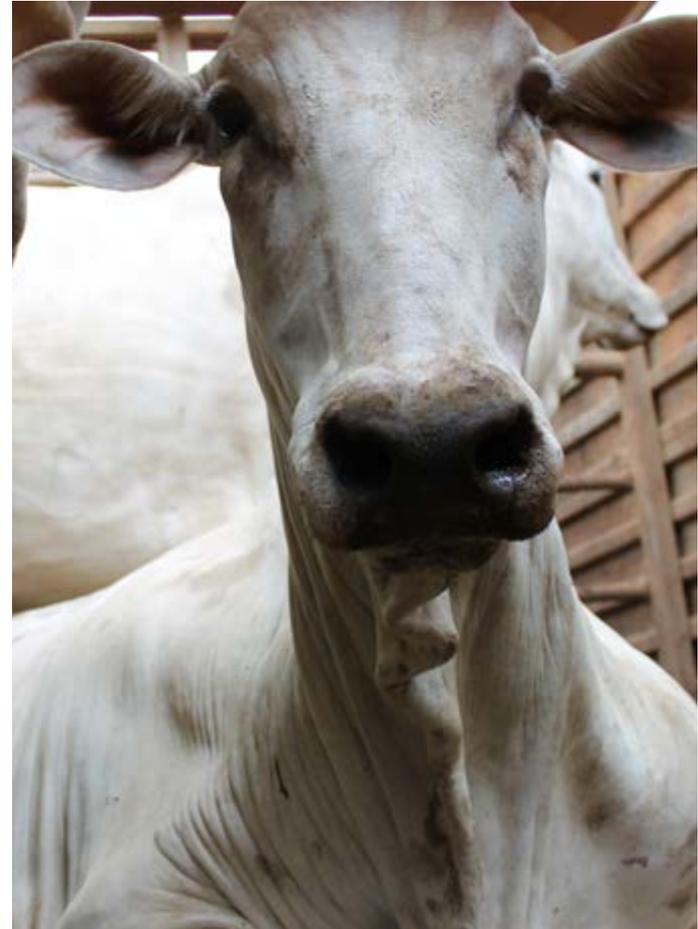


imagem: Acervo Acrimat

Limpeza dos compartimentos de carga e verificações



imagem: Acervo Acrimat

- Após o desembarque verifique se nenhum animal permanece nos compartimentos de carga. Caso todos tenham saído, feche as portei ras e conduza o veículo para o local onde será lavado e desinfetado.
- A limpeza e desinfecção do veículo devem ser realizadas logo após o desembarque, o quanto antes melhor. Não limpe os compartimentos de carga de veículos boiadeiros em rios ou riachos, isto causa poluição e aumenta os riscos de transmissão de doenças.
- Ao terminar a limpeza faça uma cuidadosa verificação nos compartimentos de carga, cheque travas e parafusos, repare ou substitua o que estiver quebrado.
- Esteja certo de que está tudo em ordem para a próxima viagem. É essencial que os veículos estejam limpos, desinfetados e em boas condições de uso antes da realização de um novo embarque.



ACRIMAT

Rua B Esquina com rua 02, Edifício Famato - Sala ACRIMAT -
Bairro Centro Político. CEP: 78.049-908 - Cuiabá-MT. Telefone: 65 3622-2970